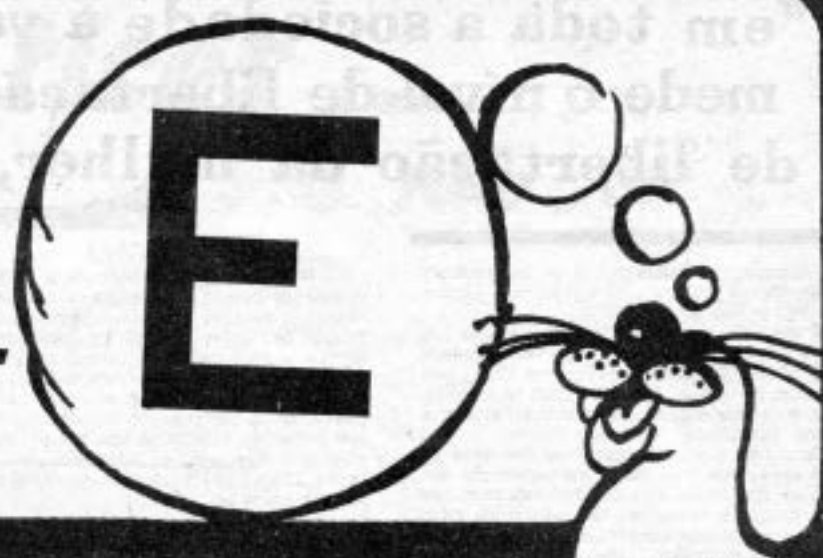


**p'ra
melhor...**



AAC-79

Propriedade: Lista E

ano 1^o

8 a 15 Fev

N^o 1

DIÁLOGO COM O LEITOR

Aqui estamos. Na fotografia, em cima. Em todo o jornal. Bem dispostos, quase sempre.

Já iniciámos a nossa conversa contigo. Foi, antes de mais, no nosso manifesto. O tal da alegoria dos barcos, que veio mesmo a quadrar com o tempo de chuva. Aí, já começámos a dizer porque surgimos e o que pensamos. E continuaremos a dizer.

Mas tiramos este cantinho para falar contigo. Exactamente, como se nos encontrássemos no átrio da Faculdade, nos corredores da Associação, nas bichas das cantinas, na mesa de "café", a tomar a bica... E isto, porque achamos que é tempo de reagir, de remar contra a maré, como dissemos no Manifesto.

Porque quando tanto do que conseguimos é sistematicamente posto em causa e destruído pela direita, quando o nosso interesse, a nossa vontade, a nossa disponibilidade são drasticamente reduzidas pelas imposições e o autoritarismo aos mais diversos níveis, há que "dar um abanão" e acabar com a inércia que tem o sabor amargo da impotência.

Foi também por isto que surgiu a nossa lista, o nosso Manifesto, este jornal. Porque sentimos os problemas e recusamos o cruzar os braços, o de legar em outrem o nosso direito de debater e decidir, e queremos fazer propostas, abrir o debate e estimular a acção.

Por isso, partimos. Com uma certeza: recusamos os "chavões", as pseudo-respostas exactas e as declarações de fé de travo duvidoso.

Queremo-nos sentar à mesa e, sem cartas na manga, discutir francamente contigo. Temos propostas a fazer e rejeitamos as verdades feitas. As propostas que fizemos fluem na nossa vivência dos nossos problemas, que são os teus. E, por isso, recusamos quem, do alto do seu saber estereotipado e da sua prática sectária, classifica de "verbalismo" esta nossa vontade de abrir um novo espaço colectivo de discussão e acção.

É óbvio que não vamos declarar solenemente, em posse de colarinhos enfiados e com voz de microfone em sala alcatifada, que iremos "ouvir os estudantes"... Rejeitamos este paternalismo balofo, já que queremos discutir com os estudantes as nossas propostas, ouvir as suas, encontrar em conjunto soluções e assumir esse sentir colectivo.

E, acima de tudo, uma coisa: recusamos ser os tecnocratas da AAC. Já temos, aos mais diversos níveis, inúmeros exemplos da tecnocracia, e esta é, para nós, um projecto com fins claros que não são os nossos. Queremos, antes de mais, debater e comprometer-nos com as propostas estudantis, as tuas, as nossas. E achamos que o facto de conhecer a estrutura da AAC não dá direitos, a ninguém, de assumir ares de protectores providenciais e olhar desdenhosamente a "turba". Esta atitude é a dos "sábios" de trazer por Faculdade que todos nós sobejamente conhecemos e rejeitamos, que se com frangen e se dedicam, de alma e coração, a baralhar os seus magros conheci-



SUMÁRIO:

**AVENTURAS E DESVENTURAS
DO ENSINO EM COIMBRA**

**DE PEQUENINO SE TORCE
O PEPINO...**

HUMOR

"em toda a sociedade a vara pela qual se mede o nível de libertação geral, é o nível de libertação da mulher,"

Fouquier.

"Algumas vezes ela dizia — "sintou-me um enorme có dentro", ou então — "sintou-me como se não existisse".

É que, realmente o dia a dia de uma mulher é bem determinado no tempo e no espaço e depois de ter passado pouco nos fins, uma leve dor de cabeça, por vezes um traveseiro volta que nunca explosão repentina atiramos lá para fora.

Pois não queremos fazer com que esse re- volta seja toda para fora, cansadas que estamos da realidade da rua, do trabalho, da casa, do dia e da noite. Não são apenas fábri- las, é a realidade quotidiana de milhares e milhares de mulheres.

A sociedade patriarcal e machista fabri- cou a imagem do homem como o ser "activo" e "inteligente" — A mulher como um ser "pas- sivo" e "submisso" às iniciativas do homem.

Muitas de nós nos olhamos ao espelho e não nos reconhecemos nessa imagem. Conseqü- ências então a procurar outra. Concluímos que não há hipótese de mudar essa imagem sem mu- dar a sociedade que a transmite.

Resolvemos então começar a inverter a ordem das coisas, dos valores e a exigir os nossos direitos. Não ficar paradas nesta si- tuação de "inferioridade" e "sexo segundo", em que a sociedade patriarcal nos lançou, e a sociedade capitalista nos manter.

E começamos a exigir coisas tão sim- ples como o controle do nosso corpo (falamos então do direito a uma maternidade con- sciente e desejada, da contracepção, e do g- berto livre, gratuito, integrado na assistên- cia da saúde ao país).

O direito a uma sexualidade diferente, já não em função do prazer do homem (da con- cepção da mulher/objeto) mas do direito ao nosso próprio prazer, tão elementares como, o direito ao trabalho e salário igual para homens e mulheres.

Exigimos o direito à educação e à cul- tura e o fim da discriminação na formação profissional e nos promoções; serviços so- ciais de apoio, como creches e cantinas, que nos libertem do trabalho doméstico, e nos deixem mais tempo para nós próprias.

E exigimos muito mais, pois achamos que é toda a nossa vida que tem que mudar.

Aprendemos entretanto a acreditar na nossa força e a não entregar o nosso futuro nas mãos de algum salvador, e por isso come- çamos a organizar-nos em grupos, comissões e organizações de mulheres.

Descobrimos que há coisas muito mais do que pensávamos, porém ainda não tanto quan- to é preciso e juntámo-nos à luta das Mulheres em todo o mundo.

Para nós, não se trata lá de integra- ção neste mundo, mas da destruição das suas

leis e seus valores e a construção de uma so- ciedade diferente, sem lugar para a opres- são de classes ou sexos.

Queremos reforçar a participação da mu- lher no movimento associativo, na discussão dos seus problemas específicos, etc.

Não aborço clandestinamente sujeitos de 2 a 6 anos de prisão a arrastar a vida

Em casa, sujeitos ao que Ele quer a escuridão das paredes e da us- ouso

Na rua, sujeitos a relações, de aborço pens, aos píncos.

No trabalho, sujeitos a salários baixos de tarefas monótonas e embrutecida- ras.

Compreendemos então que os valores soci- ais estão feitos para que consigamos suce- so naquilo que nos oprime:

"uma mulher elegante",
"uma boa dona de casa",
"uma boa mãe",
"uma esposa fiel",
"uma mulher boa".

... Incessantes e dificuldades no que nos aproxima de certa forma mais do que nos-

"no trabalho", "no estudo e no cultivo em geral", "na independência económica", "na sexualidade livre", "no controle do nos- so corpo", "nos desejos".

entrevista com um membro duma comissão de curso

P. Tem sido assim a actuação das Comissões de Curso?

R. Infelizmente, não. A grande maioria das Comissões de Curso tem-se diluído em ta- rufas secundárias e desmobilizadoras, é- nitando-se à marcação de exames e fre- quências, esquecendo todo o campo de intervenção cultural e político de e- norme importância neste momento em que se assiste a uma desmobilização cres- cente nas Escolas.

Outro aspecto que tem sido sistemati- camente ignorado é a posição das C. Cur- so no M.A. As Comissões de Curso têm uma posição ideal para dinamizar a vi- da associativa no meio dos estudantes, e qualquer Direcção Associativa deve dar o maior apoio à criação e actividade de das Comissões de Curso como única

forma de se ligar às faculdades, sob pena de se tornar uma Direcção burocrática e incapaz de agir. Por este aspec- to foi totalmente esquecido no ano an- terior, o que por um lado isolou as Co- missões de Curso umas das outras, ti- ndundo-lhas muito à sua capacidade de intervenção, e por outro lado, afastou a M das Escolas contribuindo para a desmobilização dos estudantes. O nosso projecto passa pela criação de Reuni- ões Inter-Comissões, e pela ligação ef- ectiva de DG às C. Curso, como única forma de levar às Escolas e lutar pela defesa das conquistas estudantis, pro- mover a vida democrática no meio dos estudantes, e para obter uma efectiva verificação das diversas lutas sector- iais ao longo do ano lectivo, as quais não se tem dado a devida importância.

CONT. NA PÁG. 4

diálogo...

(CONT. DA PÁG. 1)

mentos espíricos para os tornar no proibido campo da erudição, só a eles acessível, e que qualquer um de nós, com um mínimo de experiência e esper- teza, facilmente deita por terra.

Nós também conhecemos, de há vários anos a esta parte, e bastante bem, a estrutura da AAC e não a achamos tão complexa como isso... Não são pre- cisos anos de experiência nem cursos de computadores para a dirigir...

Não temos "novas alternativas milagrosas". Nas ladeiras de Coimbra ainda não apareceu nenhuma "santinha" e nós não vamos aparecer no alto das Monumentais...

Arregaçamos as mangas e vamos apresentar-te as nossas propostas.

ESTAMOS AQUI PARA CONTINUAR, E VAMOS CONTINUAR.

E F E M É R I D E



15 de Fevereiro de 1979

Faz hoje 700 anos que faltavam exactamente 7 séculos para as eleições para a D.C. da AAC. Esta presente é comemoração desta gloriosa efeméride o Arcajo S. GABRIEL, enviado dos Deuses, que preside às festi- vidades.



ALCIDES
4º Dir.



JOÃO RIBEIRO
4º Dir.



TERESA SÁ
2º Psic.



JORGE LAINS
4º Med. CHC



ANT. JORGE
5º FCTUC



FATIMA
1º Med.



LEIRIA
2º Letras



VERÍSSIMO
2º Letras



ZE PEDRO
2º Med.



CELINA
4º ISSS



MANO
4º Med.



MARGARIDA
6º Med.



ZE ALEXANDRE
5º FCTUC



CRISTINA
3º Med.



FÁTIMA SEQUEIRA
2ª Peic.



TOZÉ BRITO
3ª Dir.



NIDIA
2ª Letras



RUI MAYER
2ª Dir.



ANA ISABEL
7ª Es.



LUIS FREIRE
1ª FCTUC



SÁO CARVALHO
2ª Inf.



ESTANQUEIRO
2ª Inf.



MARILIA
2ª Letras



ZÉ MÁRIO
1ª ISS



FERNANDA
2ª Dir.



CATARINO
3ª FCTUC.



ADELAIDE
1ª Letras



VITOR
1ª Dir.